



**“VER HISTÓRIA: O ENSINO VAI AOS FILMES”:
REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CINEMA E
ENSINO DE HISTÓRIA**

Rodrigo Francisco Dias*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

dias.rodrigof@gmail.com

O uso do cinema em sala de aula já não é uma novidade. De fato, utilizar filmes tem sido um recurso didático bastante comum nas escolas brasileiras há alguns anos. No que diz respeito ao ensino de História, as discussões a respeito das potencialidades didáticas da sétima arte têm sido feitas pelos historiadores desde quando as relações entre o Cinema e a História começaram a ser estudadas. A respeito desse tema, o mercado editorial brasileiro viu nos últimos anos o lançamento de algumas obras que podem ser úteis ao professor de História que está interessado em utilizar filmes em suas aulas.

Dentre essas obras, merece destaque o trabalho de Marcos Napolitano intitulado **Como usar o cinema na sala de aula**.¹ Apesar de o autor ser ligado à área de História, o livro possui uma proposta de caráter mais amplo, tratando do uso do cinema na escola em várias outras disciplinas, tais como Biologia, Matemática, Geografia etc. Pelo caráter geral da obra, o trabalho de Marcos Napolitano é bastante introdutório e possui uma preocupação muito grande em relação às questões mais práticas no uso de filmes nas escolas. Neste sentido, o autor trata dos problemas estruturais das escolas, da importância da preparação por parte do professor, das complexidades da realidade escolar e dos aspectos metodológicos do uso do cinema em sala de aula.

* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

¹ NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009. 249p.

Em relação ao problema específico das relações entre o Cinema e a História, Napolitano não se aprofunda tanto nas questões teóricas. Seu livro é mais orientado à prática, trazendo sugestões de filmes e de formas de trabalho com esses filmes junto aos alunos da educação básica. **Como usar o cinema na sala de aula** é, de fato, um manual básico para professores dos Ensinos Fundamental e Médio e, como todo manual, tem o mérito de ser um guia introdutório para os profissionais da educação que não possuem o conhecimento de uma metodologia de trabalho com filmes. Contudo, especialmente por conta do caráter geral do livro, a obra de Napolitano possui algumas lacunas no que diz respeito às relações entre a arte cinematográfica e a disciplina histórica. Este livro não nos diz muito a respeito das discussões teóricas em torno do uso do filme como documento de pesquisa pelo historiador, pelo menos não de maneira bastante aprofundada.

Um trabalho que procura estabelecer uma interlocução mais profícua entre Cinema e História, tendo como preocupação o uso do filme em sala de aula, é a obra **Cinema e História do Brasil**, escrita por Jean-Claude Bernardet e Alcides Freire Ramos.² Lançado há pouco mais de duas décadas, o livro continua sendo referência obrigatória para os professores de História interessados em usar filmes como recurso didático em suas aulas. **Cinema e História do Brasil** é uma obra instigante, possibilitando ao leitor uma reflexão sobre as questões teóricas atinentes ao binômio Cinema/História.

Jean-Claude Bernardet e Alcides Freire Ramos tratam da questão dos “heróis” na História tradicionalmente ensinada nas escolas e nos livros didáticos. A partir da análise de alguns filmes brasileiros que se relacionam com a figura de Tiradentes, os autores ampliam as perspectivas de trabalho do ensino desta temática no ensino de História. Bernardet e Ramos também se dedicam a um exercício de problematização do gênero “documentário”, rompendo com o senso comum que vê nesse tipo de cinema uma reprodução fiel da realidade social. Cabe destacar também o esforço dos autores em ampliar a noção de “filme histórico”, incorporando a ela filmes que tratam também do tempo presente, e não apenas do passado já classificado como “História” (com seus *atos históricos* já estabelecidos e consagrados).

² BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil**: a produção da história no cinema, guia didático de filmes, como usar o cinema na escola. São Paulo: Contexto, 1988. 93p. (Coleção Repensando a História).

Com o intuito de ampliar a bibliografia sobre o tema, a Hucitec Editora lançou recentemente o livro **Ver história: o ensino vai aos filmes**, organizado por Marcos Silva e Alcides Freire Ramos,³ obra que é o quarto volume da série A História Invade a Cena. Trata-se de um livro bastante plural, com textos que abordam filmes ficcionais e documentários, nacionais e estrangeiros. Os dezenove capítulos da obra podem ser divididos, todavia, em dois grandes grupos: há por um lado os textos que se preocupam mais com os aspectos metodológicos do uso do cinema em sala de aula e, por outro, os textos que se dedicam à análise fílmica, exercício essencial para um bom uso do cinema no ensino de História. Marcos Silva e Alcides Freire Ramos assim nos apresentam o livro:

O presente livro reúne reflexões sobre diálogos entre ensino de história e filmes. É um trabalho que engloba desde a escolha de um filme adequado a um projeto de curso até à preparação dos alunos para assistir a ele e aos procedimentos de análise que o professor deve desenvolver com esse público. Se a meta do trabalho educativo com filmes é formar pessoas que reflitam de forma independente sobre todo produto de cinema a que assistirem e sobre suas relações com o conhecimento histórico, a realização dessa atividade nos quadros da cultura escolar requer sempre a presença ativa do docente como planejador, acompanhante e analista orientador, articulando a tarefa a outras práticas e problemas de estudo que estejam em pauta com aquele grupo.⁴

Os textos presentes em **Ver história: o ensino vai aos filmes** instigam-nos a pensar nas várias etapas do uso didático de filmes nas aulas de História. Porém, a proposta do livro não é a de ser um manual universal pronto e acabado, mas sim a de estimular os educadores à percepção de que o uso profícuo do cinema nas aulas de História requer muito mais do que a simples exibição de filmes, orientada para a ilustração do que está nos livros didáticos. Apesar das já tão conhecidas dificuldades do trabalho docente (jornada de trabalho exaustiva, baixa remuneração, problemas estruturais nas escolas etc.), o presente livro nos mostra que a plena realização do binômio Cinema/Ensino requer a “presença ativa do docente”, ou seja, o professor é tão ou mais importante que o filme escolhido para ser trabalhado em sala de aula. O filme por si só, não garante uma educação formadora de pessoas dotadas de análise crítica.

³ SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. 344p. (Teatro; 74. Série A história invade a cena; 4).

⁴ SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. Apresentação – História: o ensino dos filmes. In: *Ibid.*, p. 12.

Nas páginas de **Ver história: o ensino vai aos filmes**, o professor não encontrará uma “receita de sucesso”, mas o estímulo à reflexão sobre o próprio trabalho docente.

Do grupo de textos que se dedicam às questões ligadas à metodologia do uso de filmes no ensino de História o primeiro a ser destacado é o capítulo “Humberto Mauro, seu “descobrimento” do Brasil e a permanência didática de um filme (O descobrimento do Brasil)”, escrito por Airton José Cavenaghi.⁵ Neste texto o autor analisa o caso da obra do cineasta Humberto Mauro, obra que geralmente é utilizada como ilustração no ensino de História. A partir do estudo de Cavenaghi, é possível refletir sobre o porquê de se utilizar uma obra cinematográfica em sala de aula: será que o professor deve contentar-se em usar o filme como uma mera ilustração do livro didático? Tratando do filme **O descobrimento do Brasil** (1937), o autor reflete sobre o seu uso didático no ensino a partir da constatação de que o filme, mesmo com o passar dos anos, ainda é utilizado nas escolas. Neste sentido, o autor trata do modo como o filme é recebido pelos alunos na contemporaneidade, dando destaque ao papel desempenhado pelo Youtube, o famoso site de compartilhamento de vídeos, onde é possível encontrar trechos do filme.

O texto “Filmes para Guerra Fria ou como utilizei dois filmes para ensinar o segundo pós-guerra (Limite de Segurança e Dr. Fantástico)”, de Igor Carastan Noboa,⁶ se inicia com uma reflexão sobre as possíveis formas do professor usar um filme em suas aulas: o filme como ilustração de algum conteúdo já visto pelos alunos; o filme como ponto de partida para a discussão sobre um conteúdo que ainda será estudado; o filme “para a criação de um referencial visual histórico a ser discutido e refletido no ambiente escolar”⁷; o filme utilizado como lazer ou para a construção de repertório. A partir daí, o autor faz algumas considerações de caráter metodológico, tratando da necessidade de o professor conhecer o perfil dos alunos e da escola, estudar o contexto histórico da produção do filme, verificar qual o caminho mais adequado para a exibição do filme (na íntegra ou apenas alguns trechos). Feita essa discussão, o autor passa à

⁵ CAVENAGHI, Airton José. Humberto Mauro, seu “descobrimento” do Brasil e a permanência didática de um filme (O descobrimento do Brasil). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 17-24.

⁶ NOBOA, Igor Carastan. Filmes para Guerra Fria ou como utilizei dois filmes para ensinar o segundo pós-guerra (Limite de Segurança e Dr. Fantástico). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 25-37.

⁷ Ibid., p. 26.

análise de dois filmes que tratam do tema da Guerra Fria: **Limite de Segurança** (1964, de Sidney Lumet) e **Dr. Fantástico ou: como aprendi a parar de me preocupar e amar a bomba** (1964, de Stanley Kubrick). A partir das análises fílmicas empreendidas pelo autor, é possível perceber como o professor pode usar os dois filmes para trabalhar temas como anticomunismo, negociação entre líderes, resultados dos conflitos EUA x URSS e o imaginário do conflito da Guerra Fria.

Heloisa Capel, no seu texto intitulado “(Re)atualização mítica e narrativa fílmica: uma reflexão a partir de A Odisseia”,⁸ faz a defesa da “aula-oficina” como uma boa forma de utilizar um filme em sala de aula, neste caso a obra **A Odisseia** (1997, de Andrei Konchalovsky). Segundo a autora,

a aula-oficina, de inspiração construtivista, é a que mais se aproxima dos objetivos de encarar o ensino como investigação. Diferente da aula-conferência e da aula-colóquio, na aula-oficina, é possível ler o mundo conceitual dos alunos, rumo a uma maior complexificação histórica. À medida que se discutem os conceitos, é possível levar o aluno investigador a uma maior elaboração conceitual, conduzindo-o no caminho de análise do objeto historiográfico de maneira multifacetada, evitando simplificações e generalizações. A aula-oficina trata do saber em vários níveis: do senso comum à epistemologia. Neste exercício, o aluno reflete sobre o objeto, ao mesmo tempo que pensa sobre seu próprio conhecimento acerca do tema. O aluno é agente de sua própria formação e o professor é um investigador social, um organizador de atividades problematizadoras.⁹

Posto isso, o uso do material fílmico pelo professor deve ser feito de modo a problematizar tal material. Os alunos devem participar ativamente e serem estimulados à construção de significados múltiplos em relação ao filme analisado.

Jorge Nóvoa, no texto intitulado “Antinomias de Eisenstein: um olhar sobre a história e as imagens da URSS”,¹⁰ faz uma análise da biografia do cineasta soviético Sergei Eisenstein, destacando as condições históricas sob as quais o diretor produziu os seus filmes. Nóvoa trata das características do cinema de Eisenstein, marcado pela aspiração educativa e estética dentro de uma perspectiva de engajamento político, estando inserido no contexto do regime stalinista, regime que impôs dificuldades ao

⁸ CAPEL, Heloisa. (Re)atualização mítica e narrativa fílmica: uma reflexão a partir de A Odisseia. In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 137-149.

⁹ Ibid., p. 141.

¹⁰ NÓVOA, Jorge. Antinomias de Eisenstein: um olhar sobre a história e as imagens da URSS. In: Ibid., p. 305-329.

cinasta. O texto de Jorge Nóvoa permite uma interessante reflexão de caráter metodológico no que diz respeito ao uso do cinema no ensino: a importância de se obter informações sobre a vida e a obra do diretor de um filme, bem como sobre o contexto da produção de um filme.

Em “Filmes, interdisciplinaridade e escola pública”, Pedro Fernandes Costa¹¹ trata da questão do uso do cinema em sala de aula a partir das mudanças ocorridas no fim do século XX, mudanças que impuseram novos desafios aos professores. O autor fala da importância de os professores conhecerem as chamadas Teorias de aprendizagem, em especial a Construtivista e a Sócio-histórica ou Interacionista. Defendendo a formação continuada dos professores, Costa argumenta que o docente deve ser também um pesquisador, um produtor de conhecimento. A partir disso, o autor afirma que o uso do cinema pelo professor deve ser feito dentro de uma proposta interdisciplinar, onde temas como ética, cidadania, meio ambiente, sexualidade, combate às drogas e preconceito podem ser trabalhados por meio de filmes em diálogo com várias disciplinas.

Para além desses textos que se ocupam das questões metodológicas do uso do cinema em sala de aula, temos o grupo formado pelos textos que se lançam à análise fílmica, onde diversos filmes são analisados de maneira cuidadosa. O leitor mais desatento pode pensar, em um primeiro momento, que esses exercícios de análise fílmica pouco têm a ver com o uso efetivo do cinema no ensino. Que o leitor não se engane, apesar de esses textos não tratarem diretamente dos aspectos metodológicos, mais “práticos”, por assim dizer, eles possuem como pano de fundo uma preocupação metodológica. O que este grupo de textos nos mostra é que não basta simplesmente exibir o filme para os alunos, mas realizar uma atividade que leve em conta os aspectos formais da obra fílmica, no sentido de que professor e alunos precisam se debruçar sobre os aspectos da linguagem cinematográfica para analisar os filmes de maneira crítica.

Lidar com a linguagem cinematográfica de maneira criteriosa não é um exercício fácil, especialmente para quem é leigo no assunto. Sob essa perspectiva, o texto “Desvendando Glauber Rocha: uma interpretação de Terra em Transe (1967)”,

¹¹ COSTA, Pedro Fernandes. Filmes, interdisciplinaridade e escola pública. In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 330-344.

escrito por Maurício Cardoso,¹² trata exatamente de tal dificuldade, muitas vezes enfrentada por professores e alunos. O autor desenvolve sua reflexão por meio da análise do filme de Glauber Rocha, geralmente visto por muitas pessoas como uma obra de difíceis análise e compreensão. Neste sentido, o texto de Maurício Cardoso trata de um tema importante para o ensino: a formação do repertório dos alunos. Trabalhar com um filme como **Terra em Transe** em sala de aula é, sob esse ponto de vista, não só um desafio, mas também uma oportunidade de agir sobre a formação do gosto e da sensibilidade estética dos alunos, estimulando-os a assistirem a obras mais complexas.

José de Sousa Miguel Lopes, no texto intitulado “A estratégia da aranha: o mito do traidor e do herói”,¹³ analisa o filme **A estratégia da aranha** (1970, de Bernardo Bertolucci), adaptação cinematográfica de um texto do argentino Jorge Luís Borges. Por meio da análise fílmica, o autor trabalha temas como a “problemática do traidor e do herói”, a questão da “identidade”, o “mito”, as “tradições, os “lugares de memória”¹⁴ e a manipulação da História. Sob esse prisma, o autor pensa a respeito das relações entre Memória e História, o que instiga o leitor a pensar no uso que pode ser feito do filme em sala de aula, no sentido de trabalhar esses conceitos com os alunos.

Em “Temas e momentos da França revolucionária (Casanova e a Revolução)”, Rosângela Patriota¹⁵ faz uma cuidadosa análise do filme **Casanova e a Revolução** (1982, de Ettore Scola), no qual a História é tratada na perspectiva de personagens não consagrados pela história oficial, especialmente sob a ótica de Restif de La Brettone. A autora explora as estratégias narrativas utilizadas pelo diretor na construção do filme, buscando mostrar como a obra apresenta os múltiplos significados da Revolução Francesa (marco fundador da História Ocidental). Neste sentido, como nos mostra a autora, merecem atenção os diálogos presentes no filme, onde é possível perceber os pontos de vista dos personagens a respeito dos acontecimentos políticos. A partir disso, o filme pode ser muito útil no ensino de História, uma vez que permite trabalhar com os alunos um conceito mais amplo e plural de História.

¹² CARDOSO, Maurício. Desvendando Glauber Rocha: uma interpretação de Terra em Transe (1967). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 38-57.

¹³ LOPES, José de Sousa Miguel. A estratégia da aranha: o mito do traidor e do herói. In: *Ibid.* p. 58-80.

¹⁴ *Ibid.*, p. 59.

¹⁵ PATRIOTA, Rosângela. Temas e momentos da França revolucionária (Casanova e a Revolução). In: *Ibid.* p. 81-100.

Por sua vez, Esmeralda Blanco B. de Moura, no texto “Entre sonhos e pesadelos: um pequeno imigrante na ‘Terra prometida’ (Fievel, um conto americano)”,¹⁶ faz um estudo do filme de animação *Fievel, um conto americano* (1986, de Don Bluth). A autora contextualiza o filme nos anos 1980, quando a indústria cinematográfica, em especial a norte-americana, viu o lançamento de vários filmes estrelados por adolescentes e/ou destinados ao público jovem. Dentro desse contexto, *Fievel* aparece como uma animação destinada a crianças que trabalha com uma temática muito presente na historiografia ocidental: a migração para os Estados Unidos no fim do século XIX. Tendo como tema a história do pequeno ratinho, o filme permite pensar a relação passado-presente, a partir da ideia do “sonho americano”, ideia ainda presente nos anos 1980. Por se tratar de um filme “infantil” que possui, todavia, uma reflexão historiográfica, o filme mostra-se como um interessante documento histórico que pode ser usado pelo professor na educação básica.

O texto “Ensino de História e cinema brasileiro da década de 1990 (Carlota Joaquina e O que é isso, companheiro?)”, escrito por Alcides Freire Ramos,¹⁷ inicia-se com uma reflexão de cunho metodológico a respeito do uso do cinema em sala de aula, tendo como ponto de partida o documento “Parâmetros curriculares nacionais — 5.^a a 8.^a séries — História”. Em seguida o autor passa ao exercício da análise fílmica propriamente dita, sendo os seus objetos de estudo os filmes **Carlota Joaquina: Princesa do Brasil** (1994, de Carla Camurati) e **O que é isso, companheiro?** (1997, de Bruno Barreto). O autor faz uma interessante contextualização das obras nos anos 1990, quando o cinema brasileiro passou por um processo de internacionalização, ou seja, as opções estéticas adotadas pelos cineastas procuravam agradar ao público estrangeiro no mercado internacional. A partir de uma discussão estética, Alcides Freire Ramos aborda uma questão política, a saber: “a passagem de uma *cultura de oposição* para uma *cultura governista*”¹⁸ no cinema brasileiro, dentro dos marcos do neoliberalismo.

Marcos Silva nos apresenta dois textos em **Ver história: o ensino vai aos filmes**. O primeiro deles é intitulado “O espetáculo transformador (Para Wong Foo –

¹⁶ MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Entre sonhos e pesadelos: um pequeno imigrante na “Terra prometida” (Fievel, um conto americano). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 101-115.

¹⁷ RAMOS, Alcides Freire. Ensino de História e cinema brasileiro da década de 1990 (Carlota Joaquina e O que é isso, companheiro?). In: *Ibid.* p. 116-131.

¹⁸ *Ibid.*, p. 130.

Obrigada por tudo! Julie Newmar)”¹⁹ e trata exatamente do filme **Para Wong Foo – Obrigada por tudo! Julie Newmar** (1995, de Beeban Kidron), no qual temos uma reflexão a respeito da intolerância e do respeito às diferenças. Já o segundo texto de Marcos Silva, intitulado “Depois da ditadura: Cidades brasileiras de cinema (Cidade de Deus, Cidade baixa e O céu de Suely),²⁰ faz um estudo de três filmes brasileiros produzidos no início do século XXI: **Cidade de Deus** (2002, de Fernando Meirelles), **Cidade baixa** (2005, de Sérgio Machado) e **O céu de Suely** (2006, de Karim Aïnouz, em uma coprodução de Brasil, França, Portugal e Alemanha). A respeito das cidades representadas nos três filmes, Silva afirma que “Cidades de depois da ditadura, elas não constituem avessos da ditadura. E caracterizam a democracia que se vive neste presente como experiência de desumanização e perda de horizontes para a maioria”.²¹

Soleni Fressato, no texto “Opinião pública e imprensa (O quarto poder),²² analisa o filme **O quarto poder** (1997, de Constantin Costa-Gravas), no qual o poder dos meios de comunicação e a manipulação das informações por parte da mídia são abordados sob uma perspectiva crítica. O filme ganha importância no ensino de História porque permite o estímulo à análise crítica dos alunos em relação às informações veiculadas pelos veículos de comunicação em massa.

Em “A História no anfiteatro: Gladiador”,²³ Maria Luiza Corassin faz, logo no início, uma reflexão a respeito de alguns procedimentos metodológicos do uso do cinema em sala de aula, tais como a seleção de cenas e a preparação dos alunos. Contudo, o objetivo da autora é fazer uma análise do filme **Gladiador (2000, de Ridley Scott)** que, segundo a autora, é uma obra que permite pensar não apenas sobre a Roma antiga, mas também sobre nossa própria sociedade contemporânea. O uso de um filme como **Gladiador** no ensino de História, portanto, pode ser uma interessante estratégia para uma reflexão sobre a relação passado-presente na História.

¹⁹ SILVA, Marcos. O espetáculo transformador (Para Wong Foo – Obrigada por tudo! Julie Newmar). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 132-136.

²⁰ SILVA, Marcos. Depois da ditadura: Cidades brasileiras de cinema (Cidade de Deus, Cidade baixa e O céu de Suely). In: Ibid. p. 191-208.

²¹ Ibid., p. 207.

²² FRESSATO, Soleni. Opinião pública e imprensa (O quarto poder). In: Ibid. p. 149-158.

²³ CORASSIN, Maria Luiza. A História no anfiteatro: Gladiador. In: Ibid. p. 159-175.

Olga Brites e Eduardo Silveira Netto Nunes, no texto intitulado “Ética e infância no ensino de História (**Cidade de Deus**)”,²⁴ analisam o filme *Cidade de Deus* (2002, de Fernando Meirelles). Os autores refletem sobre a questão da ética na infância e sobre como um filme que se caracteriza por ser a representação de um universo marcado pela violência pode contribuir para o ensino de História preocupado com a referida questão. No intuito de mostrar que, muitas vezes, o que importa não é o filme em si, mas sim o uso que se faz dele em sala de aula, os autores fazem um importante alerta sobre o uso de **Cidade de Deus** pelo professor:

Num filme como **Cidade de Deus**, de evidentes qualidades técnicas, há um viés de se denunciar graves problemas sociais, concentrando-os, todavia, no universo da pobreza, que é o mais visível. É importante evitar que essa posição do filme reforce preconceitos entre os alunos contra pobres, é importante que sua vinda ao ensino dê conta de apontar uma estrutura social onde aparelho de Estado, grupos sociais abastados e elites, em parte, também contribuem para aquele universo, como se verifica nas observações de Zaluar sobre: tráfico, grandes negócios (finanças internacionais, operações envolvendo vultosas importâncias de dinheiro) e conivência de setores da Justiça com a criminalidade.²⁵

Outro filme brasileiro que aparece nas páginas de **Ver história: o ensino vai aos filmes** é a obra **Narradores de Javé** (2003, de Eliane Caffé), objeto de estudo de três textos do livro. Em “Vestígios fílmicos: memórias de fazeres narrativos no ensino da História (**Narradores de Javé**)”,²⁶ Nancy Alessio Magalhães constrói uma reflexão sobre a História a partir do filme **Narradores de Javé**, tendo como eixos norteadores de sua discussão a oralidade, a escrita, as diferentes linguagens e a interpretação na História. Magalhães estabelece um diálogo entre o “fazer fílmico” e o “fazer da História”²⁷, levando em conta a sua própria participação na pesquisa, direção e edição dos documentários **Cadê Brasília que construímos?** (1993) e **Memórias de cá e lá** (1998).

²⁴ BRITES, Olga; NUNES, Eduardo Silveira Netto. Ética e infância no ensino de História (Cidade de Deus). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 177-190.

²⁵ Ibid., p. 190.

²⁶ MAGALHÃES, Nancy Alessio. Vestígios fílmicos: memórias de fazeres narrativos no ensino da História (Narradores de Javé). In: Ibid. p. 209-231.

²⁷ Ibid., p. 218.

Já Elaine Lourenço e Fábio Franzini, no texto “Narradores de Javé: entre a memória e a história”,²⁸ usam o filme para a realização de uma discussão conceitual a cerca da “memória” e da “história”, entre as quais está o conhecimento do passado. Os autores salientam o quão proveitoso pode ser o uso do filme **Narradores de Javé** no ensino de História, especialmente nos cursos de Graduação em História, onde se formam os professores. O filme de Eliane Caffé pode ser útil na discussão sobre as relações entre Memória e História, desde que não seja usado para simplesmente ilustrar o que dizem os textos teóricos e nem substitua tais leituras.

Por sua vez, Selva Guimarães e Iara Guimarães, no texto “Narradores de Javé e narrativas de professores: espaço, tempo e identidade”,²⁹ pensam a metodologia do uso do cinema no ensino por meio das narrativas de professores. A partir disso, temos que as autoras trazem temáticas oriundas das discussões realizadas em sala de aula em torno do filme **Narradores de Javé**. Neste sentido, Selva Guimarães e Iara Guimarães instigam o leitor a pensar sobre a importância do debate coletivo no uso do cinema na escola.

O documentário **Pro dia nascer feliz** (2007, de João Jardim) é analisado no texto “Pro dia nascer feliz: questões para a escola pública no Brasil”,³⁰ de Regina Ilka Vieira Vasconcelos. Trata-se de um documentário feito a partir de entrevistas com alunos, professores e diretores de escolas públicas e particulares de ensino médio dos estados de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. A análise fílmica empreendida pela autora interessa a professores e alunos, uma vez que trabalha com temas importantes para a educação brasileira na atualidade, em especial os que dizem respeito à relação entre os jovens e a escola.

A partir do exposto acima, temos que os textos presentes em **Ver história: o ensino vai aos filmes**, sejam aqueles preocupados com a metodologia do uso do cinema em sala de aula sejam aqueles direcionados à análise fílmica, são de grande interesse para professores de História da educação básica e historiadores, ansiosos não apenas por

²⁸ LOURENÇO, Elaine; FRANZINI, Fábio. Narradores de Javé: entre a memória e a história. In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011. p. 232-246.

²⁹ GUIMARÃES, Selva; GUIMARÃES, Iara. Narradores de Javé e narrativas de professores: espaço, tempo e identidade. In: Ibid. p. 247-265.

³⁰ VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Pro dia nascer feliz: questões para a escola pública no Brasil. In: Ibid. p. 266-302.

“melhorarem” suas aulas, mas também em refletir sobre as relações entre o Cinema e a História. Como bem dizem Olga Brites e Eduardo Silveira Netto Nunes na análise do filme **Cidade de Deus**,

Um filme não é um estudo histórico-sociológico, ele não tem obrigações de trazer informações e análises sobre a sociedade que as pesquisas acadêmicas e o ensino em geral devem transmitir e até aprofundar. Todo filme produz, todavia, determinadas interpretações sobre a sociedade e assume um grande peso na formação de uma memória social. Daí, o interesse por seu debate no ensino para crianças e adolescentes.³¹

Os filmes, portanto, interpretam o passado e produzem um sentido para esse passado, uma memória. É desse ponto de vista que o professor de História deve dar uma atenção ao cinema, no intuito não apenas de tornar as suas aulas “mais agradáveis e menos chatas”, mas também, e principalmente, transformar a sala de aula em um local de reflexão e construção do conhecimento histórico, por meio do diálogo com os filmes. O uso da sétima arte no trabalho docente permitirá, neste sentido, um melhor trabalho com os alunos a respeito de conceitos e temas da historiografia.

Sob esse prisma, temos que é importante pensar nos filmes não como algo oposto aos trabalhos escritos pelos historiadores de ofício, mas sim como algo que, nas palavras de Alcides Freire Ramos, “pode estar a serviço das interpretações históricas”.³² Dito de outra forma, os filmes nos contam muito sobre o passado e sobre a relação entre esse tempo histórico que nos é anterior e o nosso tempo presente. É essa a grande lição de **Ver história: o ensino vai aos filmes**, obra que merece um lugar de destaque na bibliografia sobre as relações entre Cinema, História e Ensino de História. Uma boa leitura a todos!

³¹ BRITES, Olga; NUNES, Eduardo Silveira Netto. Ética e infância no ensino de História (**Cidade de Deus**). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011, p. 189.

³² RAMOS, Alcides Freire. Ensino de História e cinema brasileiro da década de 1990 (Carlota Joaquina e O que é isso, companheiro?). In: *Ibid.*, p. 126.